



Trabalhadoras domésticas: análise das relações entre saúde e trabalho a partir da aplicação do INSATS.

Área Temática: Inovação, Tecnologia e Trabalho

Luana C. Sampaio¹, Fernanda S. Araújo²

¹ Engenheira de Produção, formada no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ – UnED Nova Iguaçu – luanacsampaio@gmail.com

² Professora do Departamento de Engenharia de Produção do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ – UnED Nova Iguaçu; e doutoranda do Programa de Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense – fernanda.s.araujo@gmail.com

Resumo

O trabalho das empregadas domésticas é comum nas residências e no cotidiano de muitas famílias brasileiras. No entanto, poucas pesquisas foram desenvolvidas no sentido de entender melhor a realidade dessa categoria de trabalhadoras. Como se caracterizam as situações de trabalho vivenciadas pelas trabalhadoras domésticas? Quais as relações entre o trabalho realizado e a saúde das trabalhadoras? O presente artigo utilizou o Inquérito Saúde e Trabalho em Serviços (INSATS) para buscar respostas para essas perguntas. Verificamos importantes constrangimentos na atividade das domésticas que podem impactar na saúde, mas também identificamos elementos que podem favorecer a saúde e o bem estar das trabalhadoras.

Palavras-chave: Trabalhadoras domésticas; INSATS; Trabalho e saúde.

1 Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida como parte do meu projeto final de curso em Engenharia de Produção, no CEFET/RJ-NI. A minha motivação para estudar o trabalho doméstico tem origem no fato de minha mãe ser uma nordestina, empregada doméstica há trinta e cinco anos, assim como a maioria das outras mulheres de minha família e círculos de amizade. Nos estudos da Engenharia de Produção, em especial nas disciplinas relacionadas com a área de Engenharia do Trabalho, encontrei uma oportunidade de aplicar um pouco do que aprendi na minha formação profissional para entender melhor essa realidade de trabalho tão próxima de mim.

O trabalho doméstico refere-se aos afazeres do lar realizados por uma pessoa, na residência de outra pessoa, em troca de remuneração. Esses afazeres compreendem o cuidado com o lar, o que envolve a realização de um grande e variado conjunto de atividades como: serviços de limpeza, arrumação, cozinha, cuidado das roupas e outros itens de vestuário, e, em muitos casos, cuidado de crianças, idosos ou plantas e animais domésticos (SANCHES, 2009).

De acordo a lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, considera-se "empregado doméstico aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou a família, no âmbito residencial destas". Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua Pesquisa Mensal de Emprego (PME),



realizada no período entre março de 2002 e março de 2006, com abrangência nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, classifica como trabalhador(a) doméstico(a) a pessoa que trabalha prestando serviço doméstico remunerado em dinheiro ou benefícios, em uma ou mais unidades domiciliares. São várias as formas de declaração dos trabalhos domésticos captadas pela pesquisa. Entretanto, a maioria se declara como: empregada doméstica, faxineira, diarista, babá, cozinheira, lavadeira, passadeira, arrumadeira, acompanhante de idoso, acompanhante de doente e acompanhante de criança à escola.

Apesar de pequenas diferenças nas duas definições, destacam-se algumas características particulares que marcam essa forma de trabalho. A primeira: o trabalho é exercido em domicílios e o empregador é uma pessoa física, o que dificulta o acesso aos locais de trabalho tanto de pesquisadores, como do poder público, assim limitando as possibilidades de regulamentação, de fiscalização, de análise e de avaliação do trabalho. A segunda: existe uma legislação específica para essa forma de trabalho (lei nº 5.859/1972, com alterações nas leis nº 10.208/2001 e 11.324/2006). A terceira: é um trabalho predominantemente feminino, logo discuti-lo implica necessariamente em discutir relações de gênero na sociedade.

Segundo Sanches (2009), as trabalhadoras domésticas são uma parcela expressiva da força de trabalho no mundo. Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), estimativas conservadoras apontam mais de 100 milhões de pessoas, que representam entre 4% até 10% da ocupação total (feminina e masculina) nos países em desenvolvimento e cerca de 1% a 2,5% nos países desenvolvidos. Na América Latina, o trabalho doméstico conta com aproximadamente 12 milhões de pessoas e representa 14% da ocupação feminina na região. E, em todo mundo, embora homens ocupem funções como faxineiros, motoristas ou jardineiros, as mulheres são sempre a imensa maioria no trabalho doméstico.

Poucas pesquisas foram feitas até então sobre as trabalhadoras domésticas, menos ainda no âmbito da engenharia de produção. Existem potenciais contribuições desse campo da academia, em especial da sua área destinada ao estudo do trabalho, no que tange a transformação das situações do trabalho no sentido de favorecer a saúde do trabalhador, sem comprometer a eficácia dos processos. Portanto, há uma relevância acadêmica nesse artigo de tema inovador, além da possibilidade de diálogo com outros estudos para preencher possíveis lacunas de conhecimento.

Para a nossa pesquisa, numa primeira aproximação com o campo, foi realizada uma entrevista com a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município do Rio de Janeiro. Na entrevista, ela destacou como principais queixas da categoria: (1) problemas relacionados ao espaço de trabalho inadequado – áreas de serviço e cozinhas muito apertadas; (2) acomodação inadequada para as empregadas – quartos e banheiros pequenos ou inexistentes; (3) altos índices de alcoolismo e outros vícios entre as trabalhadoras; (4) conflitos com patrões por conta de acusações de furto; (5) assédio moral e assédio sexual; (6) extensas jornadas de trabalho.

Após essa primeira aproximação, buscamos formar um grupo de trabalhadoras domésticas que estivessem dispostas e interessadas em contribuir com o estudo, contando para nós um pouco das suas vivências profissionais. Conseguimos então,



estabelecer um diálogo com 10 trabalhadoras, que participaram de encontros e entrevistas, onde buscamos entender as situações de trabalho vivenciadas pelas trabalhadoras e as relações entre saúde e trabalho.

O objetivo deste artigo é apresentar alguns resultados dessa pesquisa no sentido de avançar na compreensão das relações entre trabalho e saúde no trabalho doméstico.

2 Inquérito Saúde e Trabalho em Serviços – INSATS

O Inquérito Saúde e Trabalho foi um instrumento desenvolvido inicialmente por um grupo de pesquisadores da Universidade do Porto, tendo como objetivo "estudar as consequências do trabalho e das condições de trabalho, atuais e passadas, ao nível da saúde e do bem estar" dos trabalhadores (BARROS-DUARTE, CUNHA, LACOMBLEZ, 2007). Segundo Duarte (2007), alguns objetivos específicos inerentes ao instrumento são: elaborar uma caracterização das condições de trabalho associadas à atividade profissional; identificar principais fatores de risco e as interações existentes entre eles e; promover uma tomada de consciência individual e coletiva relativa aos efeitos do trabalho e das condições de trabalho na saúde e bem-estar.

Recentemente, ele foi adaptado pelo grupo PISTAS (Grupo de Pesquisa e Intervenção em Atividade de Trabalho, Saúde e Relações de Gênero), da Escola Nacional de Saúde Pública (ESNP/FioCruz), gerando o INSATS 2013 – uma versão que buscou considerar as particularidades das atividades de trabalho no chamado setor de serviços.

Para situar tal adaptação de Portugal ao Brasil é preciso esclarecer que o interesse em desenvolver e experimentar instrumentos desse tipo se deve à atuação de pesquisadoras da FioCruz do campo da Saúde do Trabalhador. A emergência desse campo está vinculada aos movimentos sociais pela redemocratização do país e pela melhoria das condições de saúde da população que marcaram o final da década de 70 no Brasil, difundindo-se entre centros de estudos, associações profissionais, sindicatos dos trabalhadores e lideranças populares.

Particularmente, três características levaram esse grupo de pesquisa a eleger o INSAT: o foco sobre o trabalho e a saúde, a valorização da experiência do trabalhador e sua perspectiva compreensiva. Segundo Brito, Gomes e Oliveira (2013), "sua aplicação cria condições para que os próprios trabalhadores entrevistados reflitam e enriqueçam a sua percepção sobre as relações entre as condições de trabalho e sua saúde". Mais do que pensar nas condições materiais e ambientais e nos aspectos técnicos do trabalho, Gomes (2013) ressalta que é preciso tentar compreender os sujeitos e sua relação com o trabalho.



Nesse sentido, o INSATS busca dar visibilidade a problemas que se constituem como fonte de sofrimento, mesmo aqueles que se revelam transitórios e que não se consolidam num quadro patológico. (BARROS-DUARTE, CUNHA, LACOMBLEZ, 2007)

Seu potencial como dispositivo de formação dos trabalhadores é ainda ressaltado por Brito, Gomes e Oliveira (2013), uma vez que ele semeia a elaboração de outros discursos e sentidos sobre a relação trabalho-saúde.

O INSATS se configura como um instrumento centrado na perspectiva do trabalhador e por isso as perguntas são formuladas em primeira pessoa, como: "A minha atividade de trabalho principal é".

As questões são organizadas em oito partes principais, quais sejam: identificação do entrevistado(a); o meu trabalho; condições e características do meu trabalho; educação e trabalho; vida familiar, trabalho doméstico e lazer; a minha saúde e o meu trabalho; acidente de trabalho e proteção; direitos e participação social.

Assim como qualquer outro questionário, esse método possui suas limitações, pois é composto por indagações pré-estabelecidas. Por isso, sua aplicação não pode ser descontextualizada. Ela não perscinde de uma investigação prévia sobre os aspectos gerais da situação de trabalho e nem de uma análise posterior à aplicação envolvendo as trabalhadoras entrevistadas.

3 Metodologia

Para realizar a análise das relações entre trabalho e saúde com as trabalhadoras domésticas, o primeiro passo era encontrar um grupo de trabalhadoras interessadas e disponíveis para participar da pesquisa. A busca por essas trabalhadoras foi facilitada por minhas relações pessoais e familiares. Como disse, minha mãe é trabalhadora doméstica, assim como diversas tias, tios, primos, primas, amigas e amigos. Foi por essas relações que encontrei 10 pessoas interessadas e disponíveis para participar.

Primeiramente convidei essas pessoas para um encontro em minha casa, onde eu e minha orientadora apresentamos a proposta da pesquisa. Ainda nesse encontro formulamos algumas questões para levantar informações iniciais sobre esse grupo de trabalhadoras¹. As questões eram: Você se chama de diarista, babá, doméstica, faxineira, caseiro? Onde você trabalha? Qual horário você faz? Quais atividades você exerce? O que vai mais gosta no trabalho? O que você menos gosta no trabalho?

Essas informações iniciais, somadas a uma breve revisão bibliográfica que fizemos previamente sobre o tema do trabalho doméstico, permitiram um primeiro reconhecimento da problemática, em especial no que tange a situação vivida por esse grupo. Com base nela, realizamos uma adaptação no INSATS 2013 buscando enquadrar as questões às especificidades desse campo profissional. O resultado

¹ O grupo era composto por trabalhadoras do sexo feminino e masculino. Como a maioria era do sexo feminino e como, conforme enfatizamos anteriormente, a questão do gênero feminino, apesar de pouco explorada nesse artigo, possui forte relação com a problemática do trabalho doméstico, optamos por usar sempre o feminino para falar desse grupo.



dessa última adaptação deu origem ao que chamamos de INSATS 2014 – trabalho doméstico.

Uma alteração importante realizada para elaboração dessa versão do instrumento foi no sentido de considerar que o público pesquisado muitas vezes possui mais de um local de trabalho. As diaristas podem trabalhar em duas, três ou até quatro casas diferentes por semana. Por isso, uma tabela foi incluída na parte inicial do questionário onde as trabalhadoras indicavam em quantas residências elas trabalham e, para cada casa: carga horária semanal, renda semanal, período de tempo trabalhado e forma de contrato (diarista ou celetista). A partir desse ponto do questionário, as trabalhadoras deveriam escolher apenas uma das casas como referência para responder as demais questões do instrumento. Essa escolha foi livre, ou seja, cada trabalhadora utilizou o critério que considerou mais pertinente. Algumas escolheram a casa na qual se trabalha a mais tempo, outras optaram pela casa onde se vai mais vezes na semana ou a casa onde se sentem melhor para trabalhar.

A aplicação do INSATS 2014 com as dez trabalhadoras do grupo teve dinâmicas diferentes. Em alguns casos a aplicação foi individual, em outros em dupla. As aplicações do questionário em dupla geraram discussões interessantes entre as entrevistadas. Nesse caso, o diálogo com a colega interferia nas respostas às questões apresentadas. Certamente, isso não é um problema, uma vez que o objetivo do instrumento é também promover uma tomada de consciência individual e coletiva relativa aos efeitos do trabalho e das condições de trabalho na saúde e bem-estar.

Seja nas aplicações individuais ou coletivas, os comentários feitos ao longo da entrevista foram captados pelas pesquisadoras e serviram como mais uma fonte de análise da situação estudada.

As aplicações do questionário duraram entre uma e duas horas. Nas mais longas, observamos que os debates ao longo da aplicação geraram respostas mais refletidas. Enquanto nas aplicações mais rápidas, as respostas foram mais espontâneas. Portanto, resultados diferentes, mas considerados igualmente válidos. Percebemos que, tanto nas aplicações mais rápidas como nas mais demoradas, o exercício de responder ao questionário gerou sempre algum nível de reflexão e tomada de consciência sobre a atividade de trabalho e suas consequências para a saúde.

Por fim, organizou-se uma última reunião com o grupo das trabalhadoras domésticas, denominada como encontro de validação. Nesse encontro apresentamos e colocamos em discussão os resultados encontrados na análise dos questionários respondidos.

Os resultados que se seguem são fruto de uma compreensão que se deu a partir desses três momentos.

4 Resultados

Os resultados serão apresentados nos seguintes subtópicos: (1) Caracterização geral das trabalhadoras; (2) A casa escolhida; (3) Condições e características do



trabalho; (4) Possibilidade de agir; (5) Reconhecimento e satisfação no trabalho; (6) Vida familiar, trabalho doméstico e lazer; (7) Relação entre saúde e trabalho; (8) Considerações finais.

4.1 Caracterização geral das trabalhadoras

As trabalhadoras domésticas entrevistadas formam um grupo de 10 pessoas. Elas exercem a função há muitos anos - quatro possuem mais de 30 anos de trabalho, uma tem mais de 20 anos, três com mais de 10 anos e duas com até 10 anos de experiência. Boa parte delas (6/10) anteriormente teve contato com outros tipos de trabalho, por exemplo, como secretária, garçoneiro, balconista ou porteiro. Mas nenhuma das entrevistadas realiza atualmente outra atividade remunerada.

A maioria no grupo estudado são mulheres (8/10), por essa razão o uso indiscriminado dos termos em feminino nas análises do artigo. Quanto a idade, duas estão na faixa de 30 a 40 anos, a maioria (6/10) tem entre 40 e 50 anos, uma entrevistada tem mais de 50 e menos de 60 anos, e uma outra tem mais de 60. Ninguém se declarou como analfabeto, mas sim com ensino médio completo (2/10), ensino médio incompleto (1/10), ensino fundamental completo (1/10) e a maioria (6/10) com ensino fundamental incompleto.

Quanto ao local de moradia, quatro moram na zona norte do Rio de Janeiro, três moram na zona sul e três moram na região central da cidade.

As trabalhadoras entrevistadas são diaristas (6/10), celetistas (2/10) ou celetistas em algumas casas e diaristas em outras (2/10). Elas podem trabalhar em 1, 2, 3 ou até 4 casas na mesma semana. Considerando todas essas residências, elas podem trabalhar de 2 a 6 dias por semana. Vale destacar que celetistas são as domésticas com contratos regidos pelas normas da CLT.

A jornada semanal de trabalho varia de 54 horas a 16 horas, sendo uma trabalhadora com 54 horas/semana, seis com jornadas de 25 a 40 horas/semana e três com jornada não superior a 20 horas. Essas jornadas permitem auferir rendas semanais que variam de R\$ 200 a R\$ 630. A renda média por dia trabalhado quando o contrato é regido pela CLT é de R\$ 84, enquanto que como diaristas elas ganham em média R\$ 112 por dia. Entretanto, cabe lembrar que as celetistas possuem benefícios tais como férias, 13º salário, direito a licença, entre outros, os quais as diaristas não possuem.

Considerando que nenhuma das trabalhadoras tem atualmente outra atividade remunerada, a remuneração semanal declarada foi multiplicada por 4 para chegar a uma estimativa de renda mensal. Fazendo a comparação desse indicador com o salário mínimo atual (R\$724), observa-se que há quatro pessoas ganhando entre 1 e 2 SM, três pessoas ganhando de 2 a 3 SM e outras três que ganham mais de 3 SM. É curioso observar que todas as trabalhadoras que ganham mais de 3 SM por mês são diaristas, e ainda que a que consegue auferir a maior renda mensal é a mais jovem do grupo. Destaca-se que as duas trabalhadoras do grupo que têm ensino médio completo também estão nessa faixa de remuneração acima de 3 SM.

Não foram levantados dados sobre as férias das trabalhadoras. No entanto, percebe-se, nas conversas com o grupo, que as celetistas possuem mais facilidade para programar suas férias do que as diaristas, uma vez que essas trabalham em



mais casas e necessitam combinar suas férias com mais de um patrão. Ainda assim, a maioria das entrevistadas, sejam celetistas ou diaristas, declararam no primeiro encontro que há muitos anos não tiram férias ou até mesmo nunca as tiraram.

As trabalhadoras domésticas podem trabalhar por anos para as mesmas pessoas ou não permanecer muito tempo nas mesmas casas. Exemplo disso nessa pesquisa são algumas entrevistadas que começaram o ano de 2014 em alguns trabalhos e terminaram em casas diferentes.

Em síntese, conforme apresentado na Figura 1 a seguir, as entrevistadas possuem um perfil de maioria de mulheres, com experiência na função de empregadas domésticas, boa parte de meia idade (40 a 50 anos), com baixa escolaridade – seis com ensino fundamental incompleto, contratos de trabalho precários e jornadas de trabalho bastante variada.

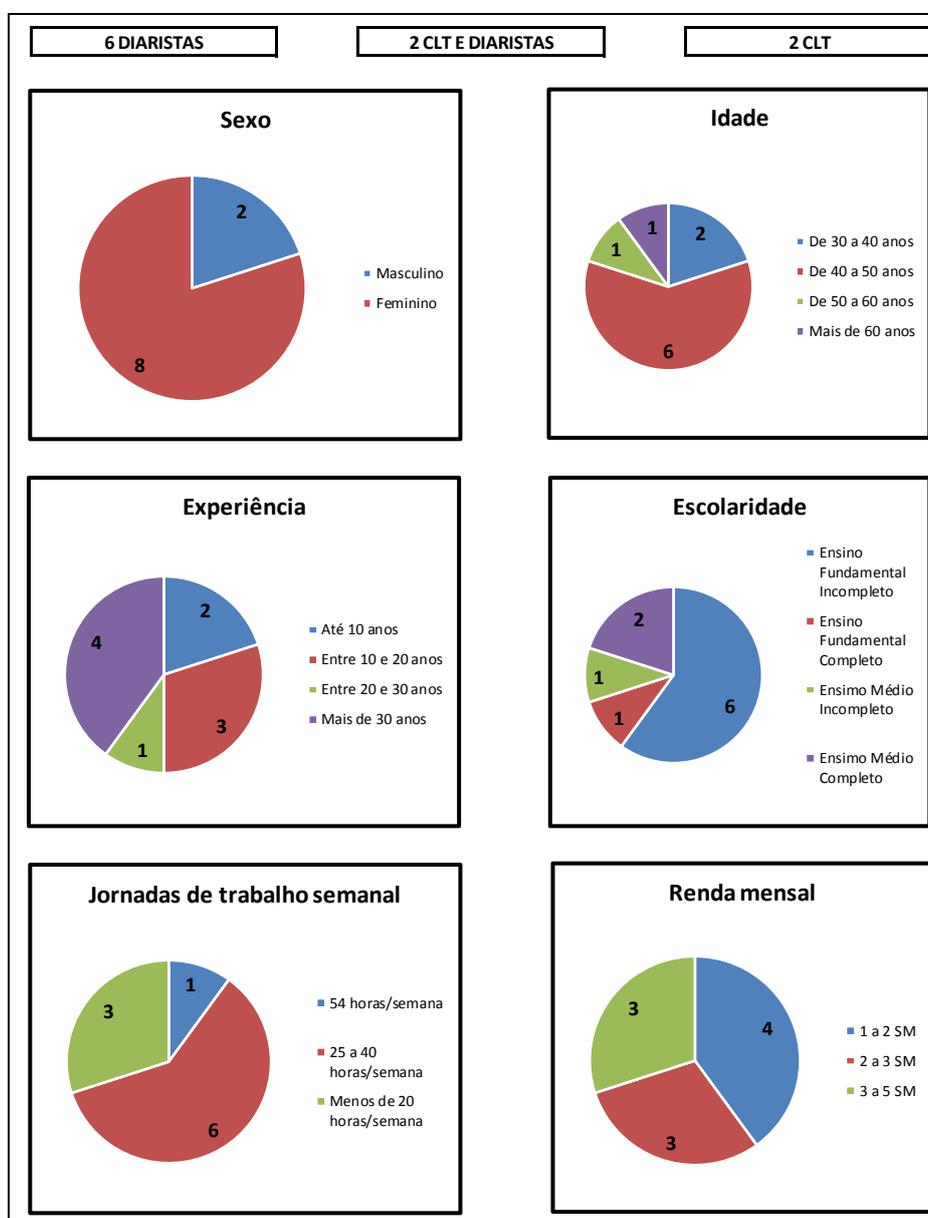


Figura 1 – Perfil da população de trabalho. Fonte: Autoras (2014)



4.2 A casa escolhida

Vale destacar que diante de um extenso questionário como o INSATS e da variedade de casas trabalhadas pelas domésticas entrevistadas, após a parte inicial do questionário, as perguntas tiveram de ser direcionadas para somente uma residência.

Cada entrevistada seguiu um critério próprio para escolha da casa sobre a qual as questões seguintes seriam respondidas: como a casa na qual se trabalha há mais tempo (2/10), a casa onde se vai mais vezes na semana (3/10), a casa onde se sentem melhor para trabalhar (3/10) e porque é a única casa em que trabalham (2/10). Dentre essas casas escolhidas, há 6 marcações de diaristas e 4 marcações de celetistas. Na maioria das casas (6/10) não existem outras trabalhadoras domésticas além das entrevistadas e nas demais (4/10) existe mais uma pessoa trabalhando.

As trabalhadoras realizam mais de um tipo de atividade de trabalho na casa escolhida. A atividade de trabalho mais citada é a limpeza geral da casa, faxina geral ou arrumação (8/10). Também são comuns as atividades de passar roupa (6/10), lavar roupa (5/10) e cozinhar (4/10). Além disso, foram citadas como atividades limpar vidros (2/10), babá (2/10), lavar carro (1/10), cuidar do jardim (1/10) e serviços externos (1/10). Em análise prévia, essas atividades de trabalho não têm relação direta com a renda semanal das trabalhadoras.

As jornadas diárias de trabalho nas casas escolhidas variam entre menos de 6 horas e 9 horas, sendo de 8 horas para a metade das trabalhadoras (5/10). As celetistas trabalham em média 8,8 horas/dia, enquanto as diaristas trabalham em média 7,3 horas/dia. Também na metade dos casos (5/10) trabalha-se 2 dias por semana nesta casa.

As entrevistadas declaram em maioria (7/10) que suas patroas imediatas são mulheres ao invés de homens. Moram nas residências em que elas trabalham um casal (2/10), casal e filhos (6/10), apenas uma mulher (1/10) ou uma mulher, dois filhos e o genro (1/10).

A maioria (8/10) marcou que trabalha na casa escolhida com horário fixo e apenas duas marcaram que trabalham em horários irregulares ou alternados (horários com variações frequentes, semanais, quinzenais ou mensais – e nem sempre previstas). Essas duas são diaristas. Todos afirmaram trabalhar em período normal (segunda a sexta, segunda a sábado, horário comercial), assim como todos também afirmaram trabalhar em turno diurno.

Por fim, metade (5/10) disse às vezes fazer horas extras nessa residência, uma sempre faz, duas responderam que raramente o fazem e duas nunca fazem. Foi verificado que todas as trabalhadoras que têm contratos regidos pela CLT nas casas escolhidas (4/10), estão nesse grupo que fazem horas extras às vezes ou sempre. Já as diaristas, poucas vezes fazem horas extras - somente 2 diaristas (de 6) dizem às vezes fazer horas extras, as demais nunca fazem ou fazem raramente.

4.3 Condições e características do trabalho

Segundo Falzon (2007), por ambiente físico entende-se um meio ambiente de trabalho, pois toda tarefa se desenvolve num certo contexto de exposição do



trabalhador aos ruídos, vibrações, microclima do posto e à iluminação deste. Dessa forma, há análises quanto a ambiência sonora, as vibrações, a ambiência térmica, ambiência luminosa, etc. Nesse caso, os ambientes analisados pelas domésticas serão os das residências escolhidas.

Observa-se que muitas entrevistadas disseram que estão expostas a poeiras ou gases (8/10), no entanto somente uma se incomoda muito com isso e três se incomodam um pouco². As outras quatro disseram que a exposição a esses agentes não incomoda. Todas disseram se incomodar com os agentes químicos (colas, solventes, pigmentos, corantes, diluentes, desinfetantes, etc.) - sete se incomodam pouco e três se incomodam muito. Vale destacar o número de respostas que apontam à exposição aos produtos Vidrex (1/10), Sapólio (1/10), Veja (2/10), Água sanitária (8/10) e ao produto X14 (4/10). O X14 foi o produto comentado como mais agressivo na primeira reunião do grupo. As trabalhadoras que citam a exposição ao X14 (4/10) são também as que respondem em maioria (3/4) se incomodar muito com os agentes químicos.

Por risco de acidentes declarados no questionário entende-se cair, escorregar ou se cortar. Três domésticas afirmaram se incomodar um pouco com esses riscos, apenas uma declarou se incomodar muito e as outras seis não acreditam estar expostas a essas situações de risco. Outras questões foram investigadas em relação ao ambiente físico, como ruído, radiação, frio, iluminação e agentes biológicos, mas não foi encontrada nenhuma queixa relevante nesses pontos.

Passando as análises para exigências físicas, segundo Lida (2005), a avaliação da carga física de trabalho foi o primeiro problema tratado pela fisiologia do trabalho (o estudo das funções e do funcionamento normal dos seres vivos) e continua sendo uma questão central para a maioria dos trabalhadores do mundo.

Observa-se sobre exigências físicas, que abaixar e levantar com muita frequência é uma exigência comum nessa atividade profissional. Oito das dez trabalhadoras entrevistadas dizem ter que fazer esse movimento no seu trabalho. Dessas oito, cinco não se incomodam, duas se incomodam um pouco e uma se incomoda muito.

Também é bastante presente na atividade das empregadas domésticas "permanecer muito tempo em pé em deslocamento". Nove entrevistadas dizem que fazem esse movimento. Destas, seis não se incomodam e três se incomodam um pouco.

Na questão sobre se o trabalho exige do corpo das trabalhadoras posturas cansativas (posições dolorosas, difíceis, desconfortáveis) metade afirmou que seu trabalho gera incômodo. Dessas, quatro se incomodam um pouco e uma se incomoda muito. Quanto a subir e descer com muita frequência, três disseram se incomodar um pouco e uma disse não se incomodar.

Por fim, sobre os esforços físico intensos, como manusear, transportar, puxar, empurrar, levantar cargas pesadas, quatro afirmaram que convivem com essas exigências. Dessas quatro domésticas, três disseram se incomodar um pouco e uma declarou se incomodar muito.

² Seguindo o questionário, o entrevistador perguntava a trabalhadora, primeiro, sobre a presença de determinado fator de risco e, em seguida, perguntava se a trabalhadora se incomodava muito, pouco ou não se incomodava com aquilo.



Quanto as respostas sobre ritmo e intensidade de trabalho nas casas escolhidas, as indicações mais relevantes se referem à: ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo, ter que se apressar, ter que suprimir ou encurtar uma refeição e ter que ultrapassar o horário normal de trabalho.

Observa-se, tanto com relação às exigências físicas, quanto com relação a ritmo e intensidade, que as trabalhadoras reconhecem dificuldades na sua atividade de trabalho. No entanto, elas dizem pouco se incomodar com isso. As trabalhadoras foram indagadas sobre isso no encontro de validação e disseram que não se incomodam pois já estão acostumadas com esse tipo de atividade, mas também por que essas dificuldades não são particulares de um caso ou de outro. São dificuldades inerentes a atividade doméstica e por não verem perspectiva disso mudar, preferem não se incomodar. " Esse trabalho tem que ser assim", é o que elas dizem.

4.4 Possibilidade de agir

As trabalhadoras também foram questionadas se em seus trabalhos elas geralmente possuíam a possibilidade de agir. Nessa discussão, a maioria (7/10) marcou possuir a possibilidade de tomar decisões por si mesmo. E a maioria (8/10) marcou possuir a possibilidade de alterar a ordem de realização das tarefas.

Todas afirmaram ter liberdade para decidir como realizar as tarefas, assim como a possibilidade de influenciar o ritmo ou a velocidade de trabalho e todas também afirmaram poder escolher seus momentos de pausa – o que constata com o que foi dito acima sobre ritmo e intensidade. De maneira geral, parece que as trabalhadoras possuem bastante liberdade e autonomia para tomar suas decisões nas casas escolhidas para a pesquisa.

4.5 Reconhecimento e satisfação no trabalho

É curioso observar que apesar de todas as entrevistadas dizerem que seus trabalhos são reconhecidos e valorizados pelos moradores da casa, apenas duas dizem que ele é valorizado pela sociedade e outras três dizem que às vezes a sociedade o valoriza.

Todas afirmaram que estão satisfeitas com o trabalho e dizem que ele é gratificante pelo resultado atingido. Porém, sete trabalhadoras dizem que às vezes se sentem entediadas no trabalho e duas domésticas às vezes se sentem exploradas.

Mesmo com a valorização crescente da sociedade ao longo dos anos, elas ainda acreditam ser um tipo de trabalho discriminado e com certos constrangimentos. Dessa forma, nenhuma trabalhadora deseja que seus filhos sigam a mesma profissão de trabalho doméstico. Segundo a reunião de validação, elas desejam que seus filhos entrem na faculdade para alcançar cargos bem remunerados e mais valorizados pela sociedade.

Nove entrevistadas destacaram ainda que não terão condições de realizar o mesmo trabalho quando estiverem com 60 anos (considerando o desgaste que elas têm atualmente). Apenas marcou que sim a diarista que já possui atualmente 61 anos.

4.6 Vida familiar, trabalho doméstico e lazer



No que tange o lado mais pessoal das entrevistadas, todas elas são casadas, moram com companheiros e possuem filhos ou enteados. A quantidade total de filhos ou enteados do grupo são 17. De acordo com as faixas de idade são: 3 de “0 a 12 anos”, 5 de “13 a 18 anos” e 9 “maiores de 18 anos”.

Vale destacar que o trabalho da trabalhadora doméstica tem mais uma peculiaridade do trabalho doméstico: elas repetem em suas próprias casas tudo o que já foi feito ao longo de toda a jornada de trabalho.

Normalmente, as entrevistadas dormem em média de 6 horas por dia. No grupo, metade afirma que considera o tempo de repouso e sono sempre insuficiente. Vale destacar que a maioria (6/10) nunca realiza atividades físicas.

Observa-se que o tempo total dedicado ao lazer (ler, cinema, teatro, TV, visitas familiares, etc.), em média, por semana é de: até 5 horas (2/10), de 5 a 10 horas (4/10), de 10 a 20 horas (2/10) e acima de 20 horas (2/10). Na maioria das vezes o que elas consideram como lazer aqui é ver televisão.

Sobre a influência do trabalho na vida familiar, 3 trabalhadoras afirmam que o trabalho afeta suas vidas familiares de forma positiva, 4 dizem que afeta às vezes positivamente, às vezes negativamente e outras 3 dizem que não afeta.

4.7 Relação entre saúde e trabalho

Alguns problemas de saúde - antigos ou recentes - foram identificados, como: ferimentos por acidente, problemas de visão, problemas cardiovasculares ou circulatórios, dores de cabeça, problemas de sono ou ansiedade/irritabilidade.

É interessante que todas as entrevistadas disseram no questionário que possuem autorização para se ausentar do trabalho eventualmente, para cuidar de sua saúde ou a de um familiar. Porém, segundo informações do primeiro encontro, no caso de uma diarista, ainda que com a permissão para faltar, ela vai sacrificar sua própria saúde quando doente para não ficar sem o pagamento de uma diária. Diferente do caso de uma empregada contratada como celetista, que não será descontada caso fique doente.

A maioria (8/10) das entrevistadas não considera que sua saúde foi afetada devido a trabalhos realizados anteriormente. Duas celetistas relataram problemas de coluna e problemas psicológicos, respectivamente, por realizarem anteriormente trabalhos de carregar muitas crianças no colo e o último emprego de caseiro. Há três das dez entrevistadas com os seguintes diagnósticos de doença confirmados: diabete, hipertensão e problema nos rins.

As trabalhadoras informaram, em maioria (7/10), utilizar medicamentos frequentemente, como dorflex para dor muscular e dor de cabeça e paracetamol ou tylenol para dor de cabeça também. Vale lembrar que existem exigências físicas comuns confirmadas pelas trabalhadoras domésticas como: abaixar e levantar com muita frequência, permanecer muito tempo em pé em deslocamento, posturas cansativas e subir e descer com muita frequência. É curioso observar o alto índice (7/10) de problemas cardiovasculares ou circulatórios (hipertensão, varizes) entre as entrevistadas e todas com ansiedade ou irritabilidade.



Ninguém tem plano de saúde ou outra forma de auxílio saúde, como pagamento de despesas médicas subsidiadas pelos empregadores. Além disso, metade diz existir a possibilidade de levar os filhos para o trabalho, ainda que essa necessidade seja rara.

Questionadas quanto ao que fazem para que suas saúdes não sejam afetadas pelo trabalho, as entrevistadas afirmam que tomam cuidados como: evitar o uso abusivo de produtos químicos e manuseá-los com cuidado, na falta de uma máscara utilizam a blusa para proteger o nariz desses agentes, procuram sempre estar atentas ao que estão fazendo no trabalho, tomam cuidado ao subir escadas e tentam fazer as coisas com calma.

5 Considerações finais

No geral, as domésticas entrevistadas gostaram da proposta da pesquisa, acharam o INSATS um instrumento interessante e completo. Uma disse que ele "tem muitas coisas que a gente nem lembra que existe". E outra disse que estar participando dessa pesquisa e respondendo a esse questionário "é sinal que estou sendo mais valorizada".

Um dos intuitos do artigo foi trazer visibilidade ao trabalho doméstico, uma vez que poucos estudos existem sobre o assunto. A função das empregadas domésticas é de extrema importância, afinal é tão presente no cotidiano brasileiro. Dessa forma, proporcionar um ambiente de trabalho saudável a essas mulheres deve ser de interesse comum.

Em síntese, nossa análise mostrou que um dos elementos que mais incomoda as trabalhadoras no ambiente de trabalho são os agentes químicos, ou seja, os produtos de limpeza muitas vezes bastante agressivos à saúde. Também observamos a presença de fatores de risco relacionados a presença de poeira ou gases, a exigências físicas por vezes elevada e ao ritmo e intensidade do trabalho.

Por outro lado, observamos também que as trabalhadoras consideram ter bastante possibilidade e liberdade de agir no trabalho, o que pode favorecer a saúde. Quanto ao reconhecimento e satisfação com o trabalho, é curioso observar percepções aparentemente contraditórias. A nosso ver essas percepções contraditórias, em parte, se explicam por que as trabalhadoras reconhecem que nos últimos anos o trabalho doméstico passou a ser mais reconhecido e valorizado no país, mas ainda assim é alvo de muita discriminação e preconceito.

Nossa pesquisa revelou estreitas relações entre o trabalho realizado e a saúde das domésticas, que se manifestam frequentemente em patologias como problemas cardiovasculares ou circulatórios, dores de cabeça, problemas de sono, ansiedade e problemas na coluna vertebral.

Ficam como propostas para estudos e ações futuras: (1) diálogo com o MP (Ministério Público) e o INSS quanto as questões discutidas nesse artigo sobre a categoria; (2) utilizar outras ferramentas e abordagens do campo dos estudos sobre o trabalho para aprofundar o conhecimento o trabalho doméstico; (3) aumentar e diversificar a amostra estudada, ou seja, incluir outras classificações do trabalho doméstico e até mesmo mesclar realidades de diferentes cidades brasileiras.



6 Referências Bibliográficas

BARROS, D, C.; CUNHA, L.; LACOMBLEZ, M. **INSAT – Uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde.** Rev. Laboreal , 3, 2, 54-62, 2007.

BRITO, J.; GOMES, L.; OLIVEIRA, S. S. **INSATS: uma contribuição para a Saúde do Trabalhador.** Livro digital de comunicação do Seminário Internacional, Saúde no Trabalho: dos inquéritos europeus aos instrumentos e práticas locais de intervenção. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2 e 3 de maio, 2013.

DUARTE, C. B.; CUNHA, L.; LACOMBLEZ, M. **INSAT: uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde.** 2007.

FALZON, P. **Ergonomia.** São Paulo: Editora Edgard Blucher. 2007.

IBGE. **Pesquisa mensal de emprego.** Rio de Janeiro, 2002/2006.

IIDA, I. **Ergonomia: Projeto e Produção.** São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 2ª edição, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabajo decente para los trabajadores domésticos.** Ginebra, 2009.

SANCHES, S. **Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente.** Florianópolis, 2009.

SOUZA, M. **Lei nº 5.859, Empregado doméstico.** Disponível em: <<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=2889&idAreaSel=8&seeArt=yes>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

X14. **Veja limpeza, linha banheiro.** Disponível em: <<http://www.vejalimpeza.com.br/linhaprodutos/banheiro/banheiro-x-14/>>. Acesso em: 24 nov. 2014.